

# LINGUAGEM E IDENTIDADE SEXUAL ENTRE OS JOVENS NEGROS

Wellington Pereira<sup>1</sup>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Email: [Wellington\\_pje@hotmail.com](mailto:Wellington_pje@hotmail.com)

## Apresentação

“Toma negona, toma chupeta, na boca e na bochecha”

A citação expressa uma crescente popularização da linguagem sexualizada nas letras de música dos pagodes baianos. O trecho acima é de uma das músicas mais cantadas no carnaval de 2011, do grupo **Psirico**. Além das letras, as músicas são acompanhadas de coreografias com gestuais bastantes sexualizados. Letras essas que ganham força e acabam sendo ouvidas e repetidas por jovens, adultos e até crianças; frases que despertam o nosso imaginário e que nos faz refletir sobre como as letras musicais ajudam na construção de estereótipos e de uma linguagem verbal e da sexualidade dentre as jovens. Alguns cogitam até se as letras teriam capacidade de despertar a sexualidade precocemente. De acordo Bagno, (2007) “língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas uma influenciando à outra”.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais no VIII semestre.  
Trabalho orientado pela professora Dr. Angela Figueiredo.  
Colaboração Cintia Tâmara Mestranda em Ciências sociais pela UFRB.

A sexualidade se constitui num campo privilegiado para a análise do social, num microcosmo em que se atualizam identidades de gênero, pertencimentos de classe e trajetórias sociais. (KNAUTH, 2006;p.136).Desse modo, busco entender como a linguagem e discurso contribui para a construção da identidade sexual entre jovens negras(os) de 16 á 21 anos, estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- (IFBA), Campus Santo Amaro. Mais especificamente, procuro entender o modo como as jovens negras(os) aprendem e falam sobre o exercício da sexualidade de como o discurso que é uma forma de linguagem, interage e dialoga com o corpo, como se correlacionam. É consensual a afirmação de que as mulheres falam menos sobre a sexualidade do que os homens ? nesse sentido,busquei compreender de que modo à explicitação presente nas letras de músicas, no discurso da mídia, tem motivado ou dificultado o diálogo sobre o tema entre grupos etários.

A linguagem é, de fato, de grande importância para as nossas relações em geral. Relacionamo-nos conosco, com o outro e com o mundo através da linguagem. É através dela que exprimimos pensamentos, sentimentos; é por ela expressamos nossa capacidade criadora nas artes; é com ela que somos animais políticos; é através dela que damos significação às coisas e a nós próprios. (Corrêa,2011).

Neste sentido é a linguagem se manifestando no discurso, cujo o mesmo é uma forma de linguagem onde interage com o corpo e se correlacionam. O discurso que se materializa na música.

Podemos perceber o discurso materializado na fala dos médicos da família da escola o que vão estar pautados em um discurso que dialogam em pro de definir o que é lícito e ilícito.

O discurso também se materializa na música como exemplo nas letras de pagode, letras essas sexualizadas que acabam sendo representadas a través do corpo é a linguagem corporal se materializando na dança e a sexualidade sendo representada a exemplo das músicas do **Black Staly**. “Quando ela senta entra quando ela sobe sai”... ou ainda na música “ Quando chego na boate ela se excita levanta a garrafa de whisk a perereca dela pisca, pisca , pisca , pisca ou na música do **Parangolé** .”Ela,ela, ela, é a mas bela, êta eu to falando da Gabriela,me dá, me dá a patinha, me dá ,me dá a patinha. Me dá, me dá a patinha, me dá sua danadinha”.se constituindo assim em um discurso em uma linguagem oral que se articula com a linguagem do corpo, com as danças com a vestimenta o que se constitui em arranjos locais que através das música o discurso da sexualidade é representado.

Pensemos também na música **“Perigosa” de Nelson Motta** “ eu sei que eu sou bonita e gostosa sei que você me olha e me quer eu sou uma fera de pele macia, cuidado garoto eu sou perigosa eu posso te dar um pouco de fogo”... podemos perceber que os dois tipos diferenciado de gênero musical falam da mulher e da sexualidade é o discurso se materializando de forma múltipla e se articulando com a sexualidade e a linguagem do corpo, trazendo a tona o prazer e o desejo.

### Técnica de pesquisa

Movido pela curiosidade científica, pelo interesse e desejo de conhecer e interpretar a linguagem enquanto produtora de identidade sexual de jovens negr@s, é que esta pesquisa visa interpretar as representações sobre a linguagem sexual dos jovens e compreender como as identidades são construídas. Assim como, o objetivo de compreender as representações atribuídas ao discursos proferidos pelos jovens negros em relação à sexualidade entre grupos de jovens de 16 a 21 anos. Esta pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Bahia - IFBA <sup>2</sup> e tem como técnica o grupo focal, que serve para levantamento e coleta de dados utilizei nome fictício resguardando a identidade dos participantes do grupo focal. .

Grupo focal é uma técnica de investigação qualitativa, que leva em consideração os resultados obtidos no grupo. Morgan (1997) define grupos focais como técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Podem ser caracterizadas também “como recurso para compreensão das percepções, atividades e representações sociais de grupos humanos.” (VEIGA, GONDIM. 2001).

O grupo focal serve como técnica de compreensão de valores, de investigação de dada realidade social, a partir das representações e valores do grupo. Assim a abordagem do grupo focal, por possibilitar uma interação entre os participantes vem contribuir para a interação do grupo, pois é uma técnica que facilita o diálogo entre os jovens, possibilitando o diálogo com seus pares a maioria do tempo .Morgan apud VEIGA, GONDIM (2001), o grupo focal é uma técnica que pode trazer uma melhor percepção sobre o tema ,por sua ênfase no plano

---

<sup>2</sup> O IFBA Santo Amaro contém 146 alunos do curso de eletromecânica, 168 do curso de tecnologia da informação isso na modalidade integrada totalizando 314 estudantes na referida modalidade.

intersubjetivo, na qual que permite identificar aspectos comuns de um público alvo, por permitir prática centrada no entendimento do grupo, nas formas de comunicação, preferências partilhadas, nas experiências, bem como o mesmo facilita a análise das falas do grupo possibilitando uma análise do discurso.

Do ponto de vista da dinâmica o grupo focal deve ser formado entre 10 a 12 pessoas o que deve facilitar, pois um grupo muito grande pode acabar inibindo alguns participantes, além do surgimento de conversas paralelas; as discussões do grupo focal é mediada pelo pesquisador que também assume a função de mediador do grupo, neste sentido o mediador assume uma posição de norteador das discussões no grupo. No caso deste grupo a discussão foi sobre linguagem e identidade sexual dentre as jovens negr@s, a formação do grupo foi a partir da observação participante onde observei a formação dos grupos, como eles se comportavam, os espaços em que mais os jovens gostavam de ficar no IFBA - campus Santo Amaro.

Assim pude fazer a observação participante e interagindo com os alunos, o grupo focal foi se formando, com o seguinte critério: a faixa etária ter entre 16 a 21 anos e a partir da auto classificação o jovem que se classificava enquanto preto ou pardo, aqueles que se identificassem nessa categoria participariam do grupo focal. Desta forma o grupo foi formado por nove jovens sendo seis meninas e três meninos.

### Gênero cultura e sexualidade

“[...] As feministas começam a utilizar a palavra gênero mas seriamente, num sentido mas literal, como numa maneira de se referir a organização social da relação entre os sexos. À referência a gramática é ao mesmo tempo explícita e plena de possibilidades não examinadas”. (SCOTT, 1990, p.72). Pois a gramática implica em regras formais normativas. Então a palavra aparece em sinal de distinção ao biológico uma rejeição ao determinismo biológico.

Gênero deve ser pensado a partir do contexto social, da interpretação que os diferentes grupos sociais fazem sobre o mesmo, a partir do entendimento do processo histórico cultural.

A discussão referente a gênero é atribuída da invasão que os estudos acadêmicos sofreram a partir dos anos de 1970 pela “problemática da mulher”. A entrada maciça dessa questão na academia correlaciona-se com o (re) surgimento do movimento feminista no final da década de 1960 (HEILBORN, 1990).

Os estudos de gênero ganham força com o advento do feminismo, os estudos sobre a mulher passa a ser recorrente, “gênero é composto de elementos simbólicos, que compõem a cultura de dada sociedade. Portanto a questão gênero se opõem a “natureza” destacando as diferenças que é supostamente naturais são sociais, por isso a partir da cultura entender as diferenças marcadas por relações desiguais em relação ao sexo”, gênero se refere para tudo que é social e cultural.

Nessa circunstâncias, assim como cada cultura cria de modo distinto a tessitura social em que o espírito humano pode enredar-se com segurança e compreensão, classificando, recompondo e rejeitando fios na tradição histórica que ele compartilha com vários povos vizinhos, pode inclinar cada indivíduo nascido dentro dela a um tipo de comportamento, que não conhece idade, nem sexo, nem tendências especiais com motivos para elaboração diferencial. (MEAD, SEXO E TEMPERAMENTO, p.20).

Nessa relação em que a sociedade diz o que é de homem e de mulher, atribuindo assim funções diferenciadas para os diferentes sexos. Ditando então atividades que são exercidas e diferenciadas pelos mesmos como por exemplo na construção civil em que majoritariamente tem homens exercendo as mas diversas funções ou mesmo podemos pensar no famoso ditado popular que “homem não chora” atribuindo assim a sensibilidade a fragilidade a mulher em quanto o homem é o “forte” firme viril. cada sociedade a partir da cultura e dos códigos culturais vai criar determinar comportamentos que serão representados por homens e mulheres. Sendo que os papéis de gênero são diversificados, de um lugar para o outro isso quer dizer que varia de cultura para cultura.

“O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”. (BUTLER, 2003, P.18), o que significa, por exemplo, ser mulher em Salvador é diferente de ser mulher numa cidade do interior da Bahia, pois são contextos sociais distintos ou mesmo ser mulher em São Paulo é, diferente de ser mulher na Bahia. “A “representação” política e lingüística a priori é o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de representação só se estende ao que pode ser conhecido pelo sujeito”, (BUTLER, 2003, P.18), Neste sentido o contexto social, grupo, a biografia de cada indivíduo vai influenciar na construção de sua identidade.

Como a pergunta “qual é o seu gênero” Quando teorias feministas afirmam que o gênero é uma interpretação cultural do sexo ou que gênero é construído culturalmente, qual é

o modo ou mecanismo dessa construção?.(BUTLER, 2003,P.26), podemos pensar na agência do sujeito, na interação com a cultura, na subjetividade do sujeito, no que se constitui em identidades subjetivas, em que cada indivíduo constrói, pois participa comunga de varias experiências, em diferentes grupos sociais. O que vai contribuir para a construção de gênero.

“A construção de gênero é marcada por fatores históricos e culturais, pela biografia dos indivíduos” (Heilborn) e pelos diferentes grupos sociais. Os estudos de gênero nos mostra que devemos levar em conta o contexto social, classe, raça, etnia, geração e biografia do indivíduo. Neste sentido devemos entender como essas categorias se inteseccionam. Então podemos pensar, nas relações de gênero de múltiplas formas:

A política é apenas uma das áreas na qual o gênero pode ser utilizado para análise histórica, num certo sentido a história política tem sido jogada no terreno do gênero trata-se de um terreno que parece fixo, mas cujo significado é contestado e esta em fluxo. (SCOTT)

A categoria gênero pode ser pensada a partir da construção histórica, do contexto de cada lugar, de como os códigos culturais se apresentam para os grupos sociais, podemos pensar como as relações de gênero varia de sociedade para sociedade bem como os papeis de gênero, atribuindo assim diferentes atividades, a homens e mulheres, atribuindo personalidade, dizendo o que é de homem e de mulher, o que vai varia em cada sociedade e que vai fazer com que cada indivíduo ou grupo reagem perante os códigos culturais.

Assim a constituição das identidades de gênero se reflete em algo que é construído historicamente, a partir das falas dos sujeitos de como cada grupo interage, como o outro. Portanto entender gênero perpassa em entender o outro, perceber em quais contextos sociais estão inseridos, ou seja, refletir no contexto em que o indivíduo esta inserido, a biografia e o histórico cultural de cada um que deve ser levado em conta,a subjetividade de cada indivíduo , bem como entender o gênero a partir da cultura dos códigos culturais pois estes fatores estão interligados.

De acordo com Giddens (1993) “Em um mundo de igualdade sexual crescente ainda que tal igualdade esteja longe de ser completa - ambos os sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em pontos de vista em seu comportamento,em relação ao outro”. Estes ajustes são representados a partir de ações de novas configurações sociais, portanto se

apresenta dentro de cada contexto, modificações nas relações de gênero que estão pautadas, na inserção da mulher no mercado de trabalho, na qualificação da mulher, o que interage com as relações amorosas, com a maneira que cada indivíduo ou grupo social se relaciona com o outro.

De acordo com Giddens, (1993) [...] “um mundo de negociação sexual de relacionamento”, em que as novas tecnologias de compromisso e “intimidade” vieram a tona [...] a vida pessoal tornou-se um projeto aberto criando novas demandas e novas necessidades. Nossa existência interpessoal está sendo completamente transfigurada, envolvendo todos nós naquilo que chamarei de experiências sociais do cotidiano, com as quais mais amplas nos obrigam a nos engajar”. Por tanto as mudanças vão acontecendo de maneira, que os relacionamentos ganham novos contornos.

Entender as relações de gênero, é sobre tudo no campo afetivo, se faz necessário perceber em que contexto o mesmo está inserido, em que contexto os indivíduos estão inseridos, a biografia e o histórico cultural de cada um deve ser levado em conta a subjetividade deve ser levada em conta. Sendo que para entender gênero perpassa entender questões políticas, culturais e sociais.

Tendo o entendimento de que o gênero é culturalmente construído, bem como os papéis de gênero a sexualidade e, conseqüentemente os papéis sexuais, a sexualidade bem como gênero é culturalmente construída.

De acordo com Heilborn a sexualidade pode ser abordada em relação à família, ao parentesco, ao casamento e a aliança como constitutiva e, ao mesmo tempo perturbadora da ordem social. (antropologia e sociologia). Ela pode ser abordada, ainda como constitutiva da subjetividade e ou da identidade individual (psicanálise) e social (história e ciências sociais no geral); como representação (antropologia) ou como desejo (psicanálise); como um problema biológico / genético (medicina); ou ainda como um problema político e moral (sociologia, filosofia), [...] não existe uma abordagem unitária da sexualidade. (HEILBORN, 1999, P.32).

Neste sentido “a sexualidade é construída a partir do discurso” como sugere Foucault (1988). Podemos caminhar para uma construção da sexualidade pautada no discurso das instituições sociais como por exemplo a família, ou do ponto de vista biológico. O que pode ser refletido como algo cultural cujo o discurso sobre sexualidade varia de sociedade para sociedade, o que

vai distinguir o que cada sociedade através da cultura dos novos arranjos pensam sobre sexualidade e como cada gênero vivencia a mesma.

De acordo com Giddens a contracepção efetiva significava mais que uma capacidade aumentada de se limitar a gravidez. Associada a outras influências, já citadas, que afetaram o tamanho da família marcou uma profunda transição na vida pessoal. Para as mulheres - e, em certo sentido diferente também para os homens - a sexualidade tornou-se maleável sujeita a ser assumida de diversas maneiras, e uma "propriedade" do indivíduo. (GIDDENS, 1993, P.37).

Assim a sexualidade passa a ser vivenciada pelos sujeitos de maneiras mais liberais, tanto homens como mulheres passam a ter um pensamento diferenciado sobre a sexualidade, neste sentido podemos pensar na "reflexividade do corpo" Giddens (1993), o que seria o não só o domínio do corpo mas é o mesmo respondendo se transformando nos ambientes modernos, o que Giddens chama de reflexividade institucional, se caracterizando como uma atividade social.

A sexualidade passou a fazer parte de uma progressiva diferenciação entre o sexo e as exigências da reprodução. Com a elaboração adicional de tecnologia reprodutivas, essa diferenciação hoje em dia tornou-se completa. Agora que a concepção pode ser artificialmente produzida, mais que apenas artificialmente inibida, a sexualidade fica afinal plenamente autônoma. A reprodução pode ocorrer na ausência de atividade sexual; esta é uma "libertação" final para a sexualidade, que daí em diante pode tornar-se totalmente uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas. (GIDDENS, 1993, P.37).

Assim a depender de cada contexto a cultura vai se moldar e se articular na construção do sexo, do corpo, do discurso, da sexualidade, o que varia de acordo com cada contexto social, em que a própria identidade sexual é construída a partir do discurso, bem como da reflexividade do sujeito. Neste caso os indivíduos e grupos sociais representam a sexualidade a partir dos códigos culturais, da biografia do sujeito, do histórico que cada um trás consigo bem como das interações dos grupos.

"Sendo assim as representações expressam aqueles indivíduos ou grupos que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Esta definição partilhada pelos membros de um mesmo grupo constrói uma visão consensual da realidade para esse grupo".



Jodelet (2001), o que se constitui que a identidade sexual de cada indivíduo e de cada grupo social a partir dos valores e significação que por eles são dados.

Geralmente reconhe – se que as representações sociais – enquanto sistema de interação que reagem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma elas intervêm em processos variados tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. (JODELET, 2001, P.22)

Cada grupo social representa a sexualidade a partir do contexto social a que pertence, a partir dos símbolos que comungam com o outro que compartilham, os sentidos, as práticas sociais de cada grupo sobre a sexualidade, vão repercutir e serem representadas a partir das experiências comuns com o outro. “ De fato representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto”. Jodelet (2001).

Portanto podemos pensar em sexualidade como sendo construída a partir também da subjetividade dos sujeitos dos discursos dos sujeitos e dos diferentes grupos sociais de como cada grupo se vê e pensa sexualidade.

### Considerações Finais

Os resultados preliminares da pesquisa apontam uma clara distinção entre o modo como os homens e mulheres interpretam as letras das músicas, por exemplo, os jovens do sexo masculino consideram que as mulheres não deveriam dançar ao som de letras de pagode que as depreciam. Quando perguntados o que achavam do pagode baiano as jovens disseram não tem letra mas o ritmo é bom. “Sandra- vamos para as festas dançamos por conta do ritmo. Um dom menino retruca - Pedro disse - isso que não aceito o pagode não presta e tem mulher que defende elas querem direitos iguais e não se valorizam dançam pagode”.

Perla- retrucou nada disso ouvimos pagode pelo ritmo se for assim o funk, as músicas antigas, (se referindo a música brega) falam da mulher de maneira depreciativa, nesse momento o grupo ficou tenso ela e o menino falando ao mesmo tempo. Quando outra menina disse – olha tem o forró as músicas mas velhas que falam da mulher vê se falam dos homens.

Pedro- é Caetano canta a música, fala da mulher mas sutil é... de forma intelectual- outra jovem disse; não deixa de ser uma maneira de falar da mulher de forma pejorativa.

Perguntei qual a música referiram a música “**Não enche**” citaram que ele se refere a mulher como “vampira” Perla- você (se referindo a Pedro ),dizer que ele é sutil! isso que dizer que você acha que somos burras!. Com a discussão acalorada e com as meninas dizendo que em geral todo tipo de música acaba oprimido ou depreciando a mulher em meio essa discussão coloquei, a música “**Geni e o zaplim**” de Chico Buarque ai eles disseram é também acaba falando mal da mulher colocando como objeto.então disseram não é só o pagode, é o fank, é o forró , citaram um forró cantado pela banda Mastruz com leite, a música “**bomba no cabaré**”. “voou pra todo canto pedaço de mulher. Foi tanto caco de puta voando pra todo lado,dava para apanhar de pá, de enxada e de colher! No meio da rua estava os braços de Tereza.No meio fio estava as “pernas” de Rache....

As mulheres acreditam que a letra é menos importante que o ritmo. Elas também destacam que outros estilos musicais também depreciam as mulheres e nunca foram consideradas como tal.

Enquanto a paquera : perguntado se a mesma se dá na dança: Disseram “sim, com o corpo ao ritmo da dança”. Perguntei sobre o pagode, como eles escutam e como as jovens vê o mesmo. Uma das meninas disse: “- adoooooro dançar, o ritmo que é bom”. Disse outra jovem: “- se bem que algumas músicas “esculhambam” a mulher, mais eu danço”.

O que demonstra que a linguagem do corpo interage com a linguagem do discurso, em que corpo se comunica, como por exemplo a paquera se dá também no momento da dança. O que se constitui que o sujeito é reflexivo como diria Giddens ,o que constitui uma interação entre discurso e linguagem do corpo a partir da biografia dos sujeitos, e do contexto social. Podemos perceber também as diferenças enquanto formação de gênero,de como a partir de uma interpretação diferenciada entre os jovens,podemos perceber como se da a construção das identidades de gênero,por exemplo da frase “dentro de mim”, pode ser entendido pelas jovens como estar dentro do coração, perto, o que se assemelha a uma relação mais próxima, afetiva. Para os jovens/meninos pode se constituir em uma relação com o sexo -“**Vou fazer você ficar dentro de mim**” significa que eles farão ou estão praticando sexo que o pênis vai estar dentro dela.

Diferença que também é marcada no sentido em que as jovens também se referem que a frase pode ter outro sentido. Pode se remeter à afetividade ou ao ato sexual, porém os meninos pensaram logo no sexo na penetração; O que podemos pensar na construção do lícito e ilícito do permitido e do proibido o que faz com que as jovens tenham uma representação

diferenciada da dos jovens/meninos. A identidade masculina se dá de forma principalmente em termos negativos, ser homem é não ser mulher rejeita o que é feminino o que contribui também para a desvalorização social da mulher (SAFFIOTE apud PEREIRA 2008,P.93), O que se reflete em uma construção da masculinidade baseada na negação do outro que é construída a partir de um papel diferenciado da mulher. Os papéis sexuais de homens e de mulheres vão ser definidos de forma bem diferentes, o que nos faz refletir que a música se constitui em códigos culturais que são representados pelos indivíduos e grupos sociais de forma diferenciada e que acabam se constituindo muitas vezes em códigos que vão oprimir as mulheres.

## **Referências**

BAGNO, marcos :**Nada na Língua é Por acaso :Por uma Pedagogia da Variação Linguística. São Paulo: Parábola Editorial,2007.**

BUTLER ,Judith :**Problema de Gênero : Feminismo e subversão da identidade : capítulo I Sujeito do Sexo/gênero/desejo.** Tradução Renato Aguiar, Rio de Janeiro, 2003, Ed Civilização Brasileira.

GIDDENS,Anthony,**A Transformação da Intimidade: sexualidade,amor e erotismo nas sociedades modernas;**tradução Magda Lopes , São Paulo,1993 - Editora Universidade Estadual Paulista (Biblioteca básica)

FOUCAULT, Michel,**História da Sexualidade I : A vontade de saber,** tradução de Maria Thereza da costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque Rio de Janeiro:Edições Graal,1988.

GONDIM,Sônia, **Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa : Desafios metodológicos,**artigo,Ed, Jardim das Hortênsias,2002.

HEILBORN ,Maria sexualidade : **O olhar das ciências sociais** – Rio de Janeiro ;Jorje Zahar Ed,1999.

HEILBORN ,Maria, **Entre as tramas da Sexualidade Brasileira** : Revistas Estudos Feministas, Janeiro – Abril/vol. 14 número 001- ano 2006.

JODELET,Denise,**Representações Sociais,**tradutora, Lilian Ulup, Ed,UERJ, Rio de Janeiro, 2001.

LEAL, André fachel, Knauth danielariva: Artigo ;**A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivos -sexuais.2006**

MEAD,Margaret, **Sexo e Temperamento:**introdução,tradução Rosa Krausz, Editora Perspectiva.

PEREIRA,Erik,ROMERO,Elaine, **Universo do corpo**,temática 2, capítulo IV,Rio de Janeiro Shape,2008.

Jornal Mundo Jovem: **Artigo Nossa Linguagem Verbal**; Isaque Gomes Corrêa, Estudante de Letras ,9/4/2011.